

ASSISTO LERNA

MARIA RITA



MANAHO

HYMORTICO

Associação literária de
**ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA**

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO

OCTAVIO SÉRGIO



O "Pôrto", leal e forte,
Cioso do seu braço,
Como bom filho do Norte,
FEZ DAS TRIPAS CAMPEÃO.

Propriedade da Empresa do Magazine « Civilização » L. da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artistico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

GRANDE CONCURSO DE JULHO

PIM-PAM-PUM

A que toda a gente poderá ainda concorrer, segundo o plano do concurso, que garante OITO PONTOS CERTOS a quem nos enviar tôdas as barracas semanais: As três primeiras em branco, e a quarta com os bonecos em terra.

RESULTADOS DA TERCEIRA SEMANA

Com 14 pontos:

A. Sequeira, Gracinda Queiroz.

Com 13 pontos:

Eugénio Ribeiro de Freitas, Maria Alice, Manuel Monteiro, Rosa da Purificação dos Santos.

Com 12 pontos:

António Alves, António Artur dos Reis, Clé, Jaime Lopes Coelho, Enor de Sá Gomes, Aromina ou Ramina, Rui Manuel Marques Teixeira.

Com 11 pontos:

Augusto António Soares da Cunha, Rosa Branca, Pica Chouriços, A. J. R., Elmano Simas, Anastácio Rodrigues, Olívia Rocha, Calus, José Vás da Silva, João A. Correia da Silva, Joaquina Charneira, Laura Ascensão Silva, Rosalina Cunha, Rei dos Borlistas, Sezenem, Zé Zabumba, Zecas Laimes.

Com 10 pontos:

Rodrigo da Silva, Arnaldo Lopes, Francisca Pereira Soares, Eduardo Lopes Vieira, Adriano Emídio Fernandes, António Pires de Figueiredo, Fra D. I. C. K., Miguel Hipólito Rodrigues, Albino Teixeira, Aida da Conceição, A. Pereira da Silva, Amil Ocirema, Greta Garbo, Guicha, José Marques, Mário Rito 5.º, Maria Cândida Teixeira, O Sol da Asia, Rei Sem Trono, António Vicente da Rocha, José Eurico 1.º, José Eurico 2.º, Alberto Coelho da Silva, Rei da Sorte, J. A. R., Mariazinha, Rita Zinha.

Com 9 pontos:

Luisa Machado, Bonifácio Guilherme Silva, Manuel Martins da Silva, Renato Fernando Perdigão, Maria Adelina Santos, Artur Raul de Oliveira Marques, Arlindo de Araújo Regala, António da Fonseca Soares Júnior, Chega-me Isso, José Rubens Martins, Menino Manuel Júlio Teixeira, Manuel Júlio Guimarães (Rei do Orco), O homem que nunca ri, João A. da Rocha, Joaquim Ferreira da Silva, Fernando Coelho da Silva, Burrié, Oscar da Silva, Maria Arminda da Conceição Silva, Rosa Martins de Jesus, Alvaro Menezes, Arlindo Joaquim Pinto da Fon-

seca, Deolinda da Rosa da Silva, Ecila, E. A. de Sousa, Fulião Barrote, Granada Maneca, José Marques 2.º, J. Aidrac Arutnev, Medeiros Martelo, Maurice Chevalier, Mário Rito 4.º, Mário Rito 1.º, Mário Pereira de Carvalho, Manuel Duarte Ramos, M. Ribeiro da Fonseca, O Sol da Asia 2.º, Tip Top, Zénabiça, Zé Zeca Zecão, Zequinha C., Alfred.

Com 8 pontos:

José Loureiro, Gubi Pilo, João Manuel Jardim Aranha, António Dias de Almeida, Manuel Marques de Figueiredo, Adelino Mendes Leal, António Carneiro, António Merino, Armando Carvalho, Amílcar Almeida de Oliveira, Carlos Alberto das Neves Teixeira, Daniel Gomes, Eurico Brandão, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Herculano Mendes, Irene Casimiro Barbosa Santos, J. C. (Barrecas), Maria de Lourdes Quintanilha, Maria de Lourdes Fernandes Noutel, Raul de Deus Real, Serafim Parente, Alfredo Correia de Vasconcelos, Dolrano, Francisco Oldemiro Novais Carneiro (Diro), Francisco de Oliveira Charneira, Henri Garat, João Tino, Maria Julia Martins de Lima, Mimosa de Jesus Leal, Secoalho, Amélia Pinto, Antó-

(Continua na 15.ª pág.)



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Domingo passado, houve festa na minha rua: balões de iluminação, festões de verdura, igreja ornamentada, foguetes e fogo preso, quintandas de doceiras, barracas de pim-pam-pum, carrossel, fotografias *à la minute*, tendas de louça e quinquilharias... Uma tarde cheia para os habitantes da localidade e das redondezas, que fartamente concorreram à festividade, dançando no adro ao compasso das várias rapsódias que a filarmónica ia deixando cair do alto do coreto.

Como já não corro a festas, e o tempo estivesse um tanto áspero — em inteiro desacôrdo com o calendário, que teima em nos afirmar que vai correndo o mês de Julho — entendi de boa razão deitar-me a dormir a sesta. Isto de dormir é ainda uma das boas coisas a aproveitar quando se não tem nada que fazer, — e até quando o trabalho aperta.

Acordei pelas seis e meia. E apenas me aproximei da janela, tive um gesto de surpresa. Estavam desertos o adro e a rua da Igreja. Só os músicos, no coreto, cumpriam conscienciosamente o seu dever, tocando para as raras moscas que deviam voitar-lhes em volta. E onde o povoleu se acumulava, em pinha cerrada, como um enxame de abelhas, era na outra rua transversal, perpendicular à primeira, — interrompendo o trânsito de peões, carros e eléctricos — em frente ao Café do Carlos.

— Algum desastre — supus. Não era, felizmente. Era que o Café possui uma radiola, e o proprietário pusera o alto-falante à porta, recebendo a onda da Ideal-Rádio, que de minuto em minuto ia pormenorizando o combate futebolístico de Coimbra.

— Belenenses atacam violentamente — comunicava o *speaker* — mas o Pôrto responde com galhardia. Avelino faz, Valdemar acontece... Defesa brilhante de Siska... Mesquita aponta, mas a bola vai fora...

Tôda a multidão bebia avidamente aquelas palavras, como se fossem proferidas pelo sr. Leonardo Coimbra num discurso feliz.

Quando o silêncio se fazia no aparelho, trocavam-se conversas animadas, diálogos a distância, em que os lábios trementes diziam a ansiedade da espera, e o brilho das pupilas traduzia interessado entusiasmo. Mas a voz do *speaker* vibrava de novo:

— Atenção! Atenção!

E tudo se calava, como se uma corrente eléctrica tivesse passado, immobilizando os lábios, tetanizando os músculos.

De repente, com voz incerta e trémulos na garganta, o *speaker* anunciou:

— O Pôrto acaba de meter um *goal*. Há 2 e 1.

Reboaram os brados de alegria. Fêz-se um refluxo forte na turba dos ouvintes, que ergue-

ram os braços, agitando os chapéus. Uma doceira levantou-se entusiasmada da cadeira de pinho, num gesto tão precipitado, que espalhou pelo passeio o taboleiro dos *melindres* de Paranhos. Supus que os garotos se precipitassem sobre eles, para encherem o bandulho de *borta*. Mas qual! Os *gavroches*, rodopiando animadamente, só pensavam no *goal* que lá ao longe, num dos campos mondeguiños cantados por Camões, o Pôrto tinha marcado.

Um lavrador que passava a cavalo, apeou-se para se informar melhor. As senhoras, de janela para janela, contavam umas às outras a sua alegria. E o caso mais interessante foi que os músicos, cheirando-lhes a novidade de maior, suspenderam de repente o *fox-trott*, e largaram em desabalada corrida rua abaixo, sobraçando os instrumentos, para saberem o que tinha acontecido.

E durante mais três quartos de hora, ninguém pensou na música, nem na festa, nem no sermão, nem no Cinema que ao lado repenicava a sua campainha. Foot-ball, só foot-ball! Se a Espanha declarasse guerra a Portugal, se a França

proclamasse o regime bolchevista, se o Brasi resolvesse pagar os juros do dinheiro que por lá trazemos mal parado, não se acenderia tão intensamente a curiosidade pública.

Depois, ao saber-se da vitória do norte, foi um delírio. Nas tavernas da localidade, correu o vinho em caudais, para celebrar o fausto acontecimento. E nessa tarde feliz entraram na história, e no coração dos portuenses, escurecendo os Doze de Inglaterra, — os Onze de Coimbra...

Eu confesso que me não interessa o foot-ball. Como não conheço as regras do jogo, afigura-se-me aquilo um brinquedo de crianças. Mas não desgostei — confesso-o — de que o Pôrto tivesse vencido. Assim vencesse nas suas pretensões de melhorar a higiene citadina, — o que, verdadeiramente, se me antolha um pouco mais importante...

Marcial JORDÃO.

O GENERAL PILA e a revolta no Brasil

NOTÍCIAS INÉDITAS

O telégrafo levou a sencional notícia a todo o mundo: — um dos chefes revoltosos brasileiros é o general Raúf Pila!

Ao saber-se que o Pila se tinha revoltado contra o Vargas, estremeçeram todos os corações sensíveis das neurasténicas!

Quando os Pilas se revoltam, a humanidade está em crise.

Quem é o célebre general Pila?

Sim. Quem é o destemido Pila brasileiro?

De que família descende?

Quais são os seus antepassados?

Por onde anda a sua descendência?

A MARIA RITA é o único órgão que pode dar ao fole sobre tão momentoso assunto.

Os avós do Pila eram portugueses. O Pila nasceu duns amores *pilatónicos*.

O Pila casou em Portugal e deixou cá os filhos a educar.

O mais velho está no frontão da Câmara de Lisboa.

E querem saber onde param os três filhos mais novos do Pila?

Ali, na Avenida dos Aliados. São os três Pilatos rechuchondos e purp...uridados, que, para provarem a sua filiação, exibem o nome do Pai à brilhante luz do sol dêste Portugal bendito.



Rés-do-chão

Balancete da semana

Onze tripeiros, tesos, genuínos,
vencem Lisboa, inopinadamente,
ao pontapé na bola.
Caramba! Até consola!
E hoje não sei qual é melhor, meninos:
"Se ser do Mundo rei, se de tal gente!"
.....
Andávamos por 'hi, nariz no ar,
notícias aguardando.
Tudo sabia mal, — o café brando,
quente a cerveja. Para que tomar
bebidas, quando a alma se contorce
em incerteza atroz?
O' Hughes, ó Breguet, Marconi, Morse,
porque demora tanto a vossa voz?
.....
Passam donas de instintos bestiais,
com olhar de carneiro semi-morto.
Castos como Vestais,
os homens mal as viam... — Ai! Se o Pôrto
os Belenenses vence,
vai ser noite de pândega rasgada!
— "Mas, agora, não pense
"em mistérios da alcôva perfumada.
"O Pôrto há de vencer!
"E, então, divina Micas, poderás
"em prantos e ranger
"de dentinhos famélicos, mostrar
"o que sabes e de que és capaz...
"Agora, por Deus!, não! Deixa-me estar
"amodorrado e besta, — até que surja
"a notícia fatal!"
E desde a alfurja
mais reles até ao café mais "chic",
perpassa uma ansiedade, um tremelique
intenso e singular...
...Pôrto e Lisboa estão jogando as cristas
e a terra gira, em indiferença alvar!
.....
De súbito, um "placard". Mais cem iguais.
Ganhou o Pôrto. Dois a um. — Vitória!
E nos anais da História,
da História nos anais,
a Tripa esmaga a Alface, uma vez mais!
.....
Principia a tragédia. — Bandeirinhas,
foguetes... Um delírio! Um céu aberto!
...Por tão pouco, meu Pôrto, desalinhas,
esquecendo a Miséria que anda perto...

*

Vai a meio caminho, a tal questão
do Douro e do pingato.
Na nossa opinião,
que tu, leitor, com certo agrado vês,
deve ter fim, — com vinho mais barato, —
lá p'r'o ano dois mil e vinte-e-tres...

*

As termas, por enquanto, não teem gente.
Diz o meu merceeiro
que há falta de dinheiro.
E, ao dizê-lo, sorri...
...Conheço desgraçados por aí,
— verdadeiros heróis —
que um automóvel teem, em vez de dois!

Mariaritices

Pousa aqui... pousa ali...

PORTUGAL MAIOR!...

Todos os dias a gente lê nos periódicos frases retumbantes e patrióticas em que certos cavalheiros, pletóricos de nacionalismo, pedem em altos gritos um *Portugal maior!*

Para que diabo será preciso mais Portugal do que o que possuímos? Para quê? Pois, não é verdade que êle até é grande de mais para homens tão pequenos?

Um Portugal maior? Sim, talvez fôsse possível, se a Espanha nos entregasse aquilo que nos pertence: Olivença.

Com seiscentas pipas!

Em Braga, durante as festas ao S. João, venderam-se, no Parque da Ponte, 42 pipas de vinho em dois dias! Abençoados portugueses!

Se houvesse uma romaria todos os dias, acabava a crise vinícola.

Já serão os efeitos da conferência, o "Elogio do vinho," do nosso primo e amigo Dr. Samuel Maia?

Oiro à farta!

Dizem que não há dinheiro e que o oiro desapareceu, e vai-se a ver, tôdas as casas, para venderem a mercadoria, oferecem Libras de graça aos seus clientes.

São fósforos com Libras, sabonetes com Libras, bôlo-rei com Libras...

Até a casa de vinhos do Pôrto "Amadeu" dá uma Libra, em oiro, ao cliente que encontrar nas suas garrafas uma determinada rôlha que confere direito ao prémio.

Os senhores estão a ver... Agora é que vai andar tôda a gente à procura da rôlha!

Verde e Encarnado e Azul e Branco

Continuam as manifestações de pezar pela morte do Sr. D. Manuel de Bragança, lamentando todos os portugueses a inesperada morte do ex-rei.

De todos os campos políticos partem votos de condolências sinceras e palavras elogiosas à acção patriótica de D. Manuel.

Os republicanos não são os que menos tem chorado o falecimento do antigo monarca.

São tantas as lágrimas e tantos os encómios à sua memória, que chega a gente a convencer-se de que, se êle ressuscitasse, aderiam todos à monarquia!



Ao ver-vos, MARIA RITA,
Com esse ar de fina graça,
Tam rotunda e expedita
Já não penso na desgraça,
Que a graça apaga a desdita.

«Maria», o teu riso salta,
E's tratada com desvêlo.
Embora nesta crise alta,
Poderá faltar cabelo,
Mas a piada... não falta.

Serás feliz, não duvido,
Tens sombra de bom Carvalho,
Tomas bom Leite fervido!
... Com esse desenxovalho,
E's um fruto apetecido!

Grande valor Marcial,
Arte e Manha bem notórios!
Ficas tu sendo, afinal,
O melhor dos reportórios
A super «Rita». A Ideal!

A. M.

PERFIS DO PORTO

XIII

SEBASTIÃO CRUZ



Banqueiro da nossa praça. Tem cara de poucos amigos, mas é uma excelente pessoa.

Uma questão tripeira

a que não são estranhas as cabeças das lindas portuenses

◆◆◆◆◆

Gorra ou chapéu de côco? — Os vendedores de jornais e a moda — Preferências, prejuízos e premeditações

Vinhamos notando há uns tempos que a cidade tomava um aspecto garridíssimo e de um variadíssimo colorido. Era difícil no entanto saber donde lhe vinha tanta côr e conhecer as razões desta garridice extraordinária numa cidade de trabalho como a nossa.

Pintura das mulheres? Variedade e profundidade de olhos lindos? Arte de bem vestir?

Tudo pensamos, tudo julgamos e tudo abandonamos há uns dias quando notamos enfim o ser ou não ser desta questão.

Nem mais nem menos do que isto:

Os vendedores de jornais andam de boinas da moda

E por essas praças e passeios, é vê-los iguaizinhos aos cigarros caros, de ponta amarela, de extremidade azul e de cabeça vermelha.

E' claro que isto não era natural, e por isso, a MARIA RITA tratou de se informar.

O Primeiro vendedor

que se lhe deparou de gorro alaranjado vendia a «Eva». Por isso devia saber falar de modas. Abordamo-lo:

— Pois sim. Estás a ler! Isto quem mo deu foi uma modista de chapéus de senhora ali da Rua 31 de Janeiro. A mim e aos outros; até o Maneta também tem. O que somos obrigados é a trazê-la sempre. Acho que é para arreliar as senhoras...

Foi então que a luz se fêz no nosso espirito: Quem tinha dado as gorras aos rapazes tinham sido as modistas de chapéus para que as senhoras se envergonhassem de andar pelas ruas na mesma figura que os ardinás e os cauteleiros, já agora fardados.

Duvidamos, e por isso fomos procurar as delinquentes.

O que nos disse D. Emilia Proença

— E' verdade, sim senhor. Foi resolvido em sessão magna da classe atirar abaixo essa miserável moda, antiestética, anti-higiénica e antipatriótica.

As boinas contribuem desastrosamente para aumentar o desemprego. Por dez reis de mel coado uma senhora consegue uma colecção enorme de tapa-nucas e nunca mais compra um chapéu. E as nossas casas que irão

fazer? Só se fôr vender frutas... Uma boina 20 escudos!... Que reles!... E deixou-nos para dizer a uma senhora que entrava que um tapico pequenito, só de um lado, custava a ninharia de 500 escudos.

Vamos ouvir agora o sr.

Albano Ramos País, Filho

aquele simpatiquíssimo rapaz, de nariz Aquilino Ribeiro e de irrepreensível porte.

— Tolices, meus amigos! A gorra é linda, é estética, é higiénica. O único defeito que tem é ser barata. Mas isso é fácil. Põe-se-lhe uma borlazita qualquer e em vez de 20 escudos...

— fica de borla — interrompemos. O sr. filho do País, riu-se, deu uma ajeitadela ao colarinho e continuou:

— fica por 200 escudos o que já é bem pago.

Quando saímos reparamos realmente que quasi tôdas as raparigas do Pôrto traziam lindíssimas gorras, gaiatamente colocadas, tentadoramente debruçadas sobre uma orelha ou um ôlho... Gostamos e resolvemos comprar uma para a MARIA RITA.

Entramos na casa da sr.^a

Filomena Cardoso

onde fomos atendidos pela sua atenciosa mana.

— Não façam caso. Isto passa. A culpa da epidemia das boinas, foi dos chapeleiros. Como não podem ir a Paris todos os anos, como nós, vão até Espanha e contentam-se com as gorras. A nós felizmente não faz grande diferença; os nossos clientes, sim, teem gorras, mas também teem chapéus. E com esta coisa dos vendedores de jornais a moda descola logo. Olhe: se quiser uma para a MARIA RITA, até lha damos: são 300 escudos. Ah! desculpe; isto é o hábito.

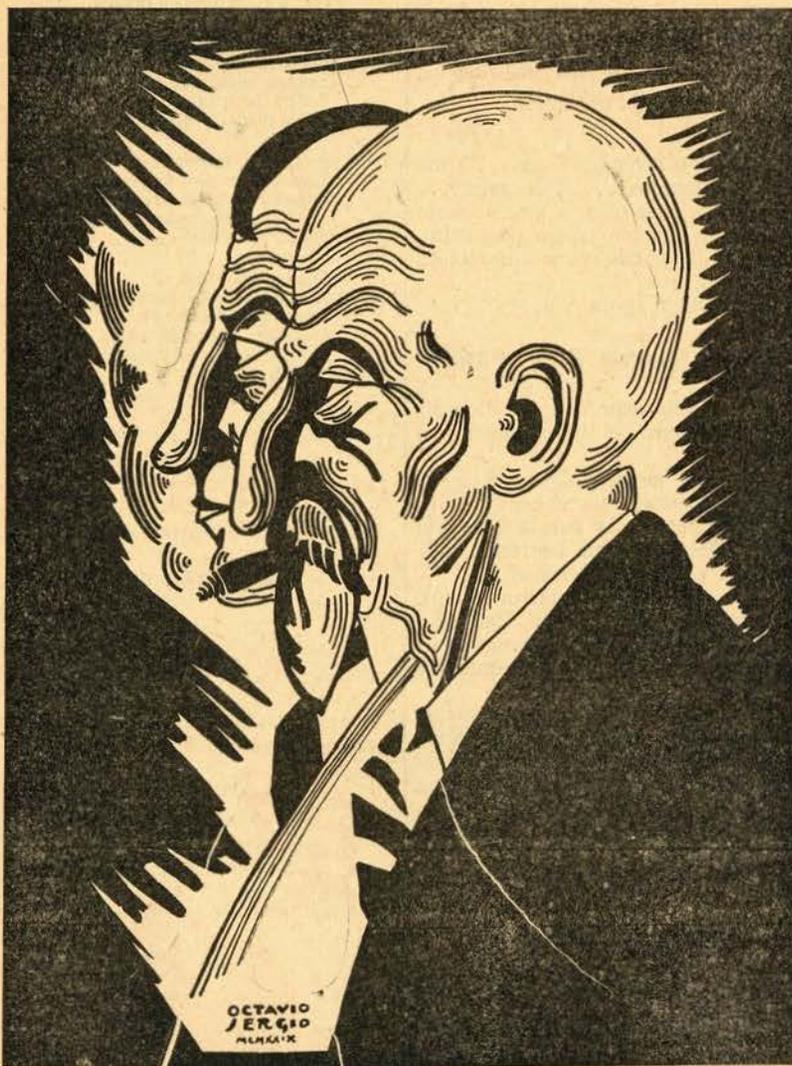
Salon Coimbra

E daí a nada estávamos na Rua de Cedofeita, no Salon Coimbra, na presença do simpático Angelo, um peito amigo e um coração de feltro maciíssimo.

Falamos de tudo. E quando lhe perguntamos a sua preferência da actual moda, o Angelinho tomando uns ares de chapéu alto, disse-nos desabridamente:

Sobre isso sabe que mais?

— Gorra... gorra... gorra...



O velho — Pois meu rapaz, os tigres e os leões não tem política, mas é por isso mesmo que são animais selvagens.

O que é feito do “Supositório de Gaia”

Opiniões diversas sôbre o mesmo tema

Sôbre a nossa mesa de trabalho amontoam-se as cartas e os telegramas. O concelho de Gaia, depois da célebre manhã em que depositou o relicário ficou sendo amado e conhecido por os restantes concelhos do País. Por esta razão é enorme a ansiedade que reina nas sete províncias portuguesas por saber qual a sorte que o destino reservou ao famoso supositório que a edilidade tinha mandado colocar em frente ao sinaleiro da Avenida da República e mesmo à beira do Reto-

-advogado. Abstemo-nos de transcrever por hoje a afiltiva redacção dos telegramas e missivas, e limitamo-nos a arquivar meia dúzia de opiniões de ilustres gaiatos que à nossa Redacção tiveram a amabilidade de subir.

Falam os Gaiatos

O primeiro a subir o segundo andar do nosso miradouro, foi o simpático vitiviniagricultor Sr.

Manuel de Barros

Um novo com a alma velha.

A-pesar-da gravidade do momento, o Sr. Manuel Barros, vinha como sempre sorridente. Ouçamo-lo:

—O roubo do *supositório* não passou duma brincadeira. Eu faço parte de quasi tudo o que vegeta em Gaia. Sou camarista, associassonista, comercialista, anualista e não como alpista. Em Gaia não há ninguém que necessite dum *supositório* daqueles. E aquilo não é bem um *supositório*. É um reclame aos lenços *Piramid*.

Olhe, diga na MARIA RITA, que os melhores vinhos são os dá marca Barros.

E desceu a escada, ao mesmo tempo que a língua nos estalava no céu da bôca.

Depois deu entrada na sala

O Titular Morgado

que trazia aquele aspecto grave e comedido que êle costuma usar. Deixemo-lo falar:

—Como sabe eu não sou nem o Zeca, nem o *garrafeira particular*. Sou o Morgado propriamente dito, aquêl que recebeu em Gaia a Rainha da Colónia Portuguesa do Brasil...

E venho aqui propositadamente para dizer à MARIA RITA que o *supositório* não foi roubado.

Aquele fuso de vidro que a Ex.^{ma} Camara mandou colocar no alto da Avenida, data do tempo de Napoleão. Foi do alto daquela pirâmide que o famoso Napoleão obrou a célebre frase:

Do ato desta pirâmide quarenta séculos vos contemplam.

Quem não gostou da piada foi o “Diário de Notícias”, e quem sabe se não seria êle quem contribuiu para o desaparecimento dum monumento de que a Rainha tanto gostou...

E também se foi embora, prometendo voltar novamente trazendo pela mão meia dúzia de *viúvas inconsoláveis*.

Cabe a vez agora ao Sr.

A. P. Soares Gomes

o simpático rapaz que anda sempre com as aguardentes ao Sul.

—Sôbre isso, do *supositório*, quem deve saber alguma coisa são os meus rapazes. O Quim não, que êsse ainda é mais sério do que eu; mas os outros devem saber para onde entrou o *supositório*.

E saiu sem prometer trazer nada. Recebemos ainda a visita dos Srs. Dias Santiago e do Sr. Máximo de Carvalho, colegas de cabeleira, e do Carneiro de Melo, da Foz, mas não podemos transcrever as suas impressões acêrca do *Célebre Supositório* em virtude do adiantado da hora.

Na próxima semana, diremos em definitivo tudo o que soubermos e mostraremos aos leitores além do sítio onde deve estar o *supositório* mais algumas

Belezas da pacífica Gaia

UMA GRANDE NOVIDADE!

O "Eléctrico-Mistério"

O Pôrto progride

O Dr. Severiano, o nosso querido amigo José, o simpático Electrófilo da Silva, ou seja, a todo o comprimento, ou *tout court*, como dizem os franceses: o nosso estimadíssimo primo Severiano José da Silva, vai, a exemplo do que está fazendo a C. P., organizar tôdas as semanas um "Eléctrico-Mistério", que fará as delícias e o "frisson" nas tripas de todos os tripeiros que tiverem a suprema ventura de gozar tão maravilhosas e imprevistas viagens.

O 1.º "Severiano-Mistério" sai amanhã da Boavista

O "Severiano-Mistério" é muito mais misterioso que o "combóio-idem".

As surpresas principiam antes de sair o eléctrico da remise.

Como se há-de saber, entre tantos carros que lá estão, qual é o "Severiano-Mistério?"

E' a primeira incógnita.

A segunda é muito mais importante: A que horas parte o eléctrico?

Ninguém sabe. E aí é que está a maior das surpresas. O carro tanto pode sair às 9 da manhã como às 5 da tarde!

Para mistérios e surpresas não há como o Dr. Severiano!

Pela administração da Carris foram-nos fornecidos alguns informes sobre a maravilhosa organização dos "Severianos-Mistérios".

Os preços dos bilhetes As refeições e as regalias

O bilhete custa cinquenta escudos e dá direito a um percurso de vinte quilómetros, que o passageiro pode fazer a pé, se não quiser ir de eléctrico.

Ao contrário da C. P., a Carris não paga as refeições, mas unicamente as bebidas.

O passageiro tem direito a beber com o manipulo do guarda-freio na cabeça, ou com o alicate do condutor nas costas.

Também pode ir beber água ao rio Douro... se o eléctrico lá cair.

Os carros teem uma paragem de meia hora, na Rua de Cedofeita, para os passageiros irem comer ao "Caçoila".

Os choques e os descarrilamentos estão incluídos no preço dos bilhetes.

Para onde vai o primeiro "Severiano-Mistério?"

Só nós, só a besbilhoteira da D. MARIA RITA, conseguiu averiguar qual o percurso completo do "Eléctrico-Mis-

tério" que amanhã circulará pelas ruas e arredores da Invicta.

Foi o *chauffeur* do Sr. Dr. Severiano quem nos pôs ao facto de tudo.

O carro sairá às duas da madrugada, levando como condutor o célebre Landrú, que entreterá os passageiros até às 3 da manhã, explicando o processo de estrangular velhas recém-nascidas, com as correias da saca.

A's cinco e meia chega o carro à P. da Liberdade, onde haverá demora de 2 horas, para todos poderem apreciar os bronzes do cavalo, as águas da Senhora Desconhecida e os Pilatos de purp... urina.

A's 8 parte o "Severiano-Mistério" para S. Pedro da Cova.

Durante o percurso haverá um choque com uma camionete, dando um saldo de três mortos e cinco feridos.

Há paragem em tôdas as tabernas para os eléctricos meterem água e o pessoal meter vinho.

A's dez da noite chega o eléctrico a S. Pedro da Cova. O S. Pedro lá estará à espera dos passageiros, com a cova aberta para os enterrar a todos, estando o serviço a cargo do armador Alberto Pereira.

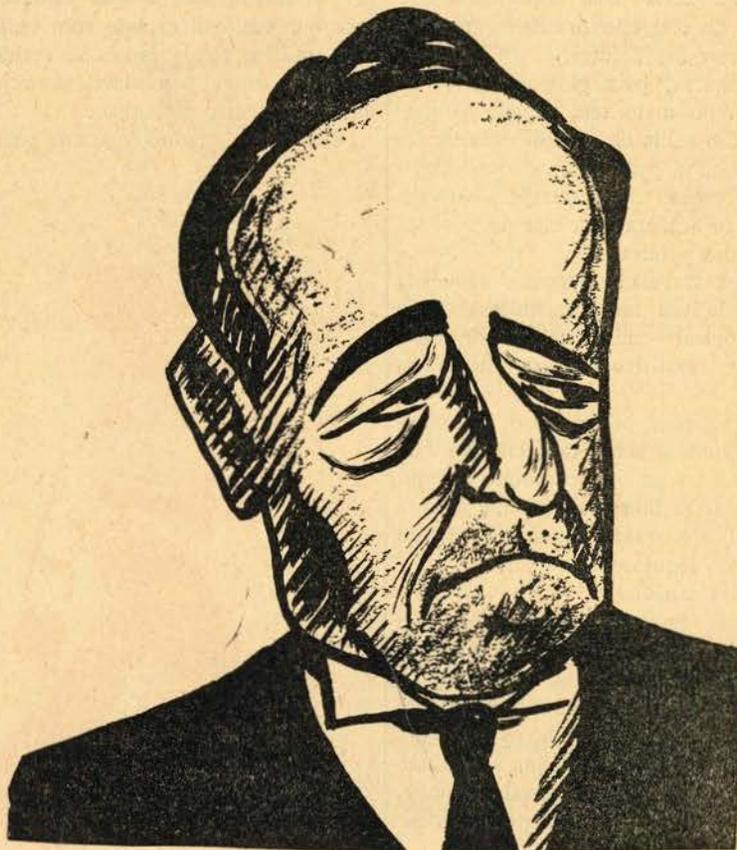
ALUGA-SE

Um prédio de 14 andares, na rua da Banharia. Tem quarto de banho, instalações modernas de *water-closet*, com autoclismo contínuo. Tem, ainda, na sacada de cada um dos andares, do lado da frente, magníficos jardins, por falta de terreno nas traseiras.

COROAS & CARTOLAS

XI

GETULIO VARGAS



Presidente da República do Brasil, que está vendo em que param as modas.

A REVOLUÇÃO NO BRASIL

FAZ QUE ANDAIAS NÃO ANDA

(Do nosso enviado especial)



O Sr. Borges de Medeiros, um dos mais categorizados políticos do Rio Grande do Sul.

OS animos estava exartado di ha uns tempos a esta parte. Era de prêvê. S'arrebentou agora um movimento formidavi, a frente di o qual se encontra em pessoa os generaes Klinger e Izidoro Dias Lopes, dois cara direita do Exercito brasileiro, rapazes benignos e benificentes.

O Braziu, paiz glorioso, onde as onça lá no mato tem trinado na garganta e o sábiá da urro di estarrecê as creancinha di peito, terra onde si deu o grito libertadô di o Ipiranga, não tolera mêmo brincadera com esse negoço das liberdades publica.

Povo trabaiadô quando não esta dormindo nas tarde calamitosa di os calô tropical—mêmo quando se espreguiça, o brasileiro está em plena actividade.

Como, pois, por si acaso, não obistante, poude o famigêrado Gêtulio Vargas concebê ser o eterno dono e sinhô di esta terra filorescente, onde a agua di côco, o guaraná e os mamão rêsfrasca os interiô sêquioso di a gente?

Cabra danado!

Mêlhô fora qui esse pêssoal sem vergonha tivesse dado o fóra, para tranquillidade da nação enxovalhada.

Agora sofremo todos as inconsequencia das politica di vergalho di os matuta riograndense, qui os cujo, anarfabeto habituado a lidá com cavalo gaúcho, sabi lá como si lida com pessoá civilisado.

Nem qui aqui todos fosse preto retinto!

O movimento paulista, assim chamado por si ter dado em S. Paulo e tambem porque os revolucionario quem mitê o pau no Governo, rebentou memo nas horas di estalá.

Nas notas qui vão a segui, vou dá as impressões imparcial e legitimamente verdadeiras di os acontecimento acontecido em a grande capital paulistana.

Como si deu o movimento — A energia electrica di o nobre deputado Francisco Morato — Um grande fornecimento di cocos explosivo

As primeira hora di a manhã si ouviu em toda a cidade um grande pum, o mais formidavi pum que aqui se tem ouvido. Ao principio, o pessoal julgou qui tivesse caído o arranha-ceu di o grande industrial italo-paulistano, Sr. Martineli, qui é uma especie di casa em estilo di caixote com vinte-e-seis andares, mais dipois se verificou qui esse pum formidavi se referia memo a um tiro di canhão.

Foi assim, segundo garante pessoal



Um autêntico fusileiro naval.

fidedigno, qui o movimento começou.

Ha quem diga qui todo os movimento começa assim, mais isso é intriga di os governamentaes, qui não pode ver um tiro di canhão lavado em ninguém.

A energia desse tiro formidavi, porventura redentô, si deve á energia verdadeiramente electrica di o nobre deputado democratico, Francisco Morato, qui o qual, por influencia di o seu nome—Morato—mandou ao Governo Federá uma moratoria di vinte-e-quatro hora pa ele se entregá sem condição nenhuma.

Até á hora em que telegrafo se ouviram 3 milhões di mil tiro di côco explosivo, mais por hora não ha desastres pessoas a lamentar.

A Rainha di Beleza, qui por tal sinal é uma beleza di rainha, mandou ao Dr. Morato o seguinte têlêgrama:

Dr. Morato—S. Paulo

Se me arripiam os nervo di goso com a lembrança di vossa victoria. Arrecomendações di Papae para mecê.

Seu Morato logo respondeu:

Obrigadinho, senhorita. Já dei uma grande trepa nas força governamentais. Neste momento me preparo para lhe dar duas. Lembranças a Papae.

Morato.

As casa di chá na Rua Direita tem sido muito frequentada e as farmaça tem vendido purga di sulfato di soda ás tonêlada.

Se prevê a todo o momento uma evacuação geral.

Está quente p'ra burro!

No Rio de Janeiro — Getulio Vargas prepara-se — Rafael Pinheiro e Procópio Ferreira.

Getulio Vargas, montado num cavalo di papelão, anda a fazê inzercções em a Praça Marechal Floriano, seguido di perto pelo Dr. Deputado General

Honorário, Filores da Cunha, verdadeira reincarnação brasilica di esse temive guerreiro portuguez qui se chamou em vida Nuno Alvares Pereira, o heroico e quiçá inegalave destroçadô di as tropa castelhana em Aljub...arrota que é pelintra.

O actor cómico Procópio Ferreira, a maior gueloria do Teatro Brasileiro, se ofereceu ao Govêrno para recitá ás tropa rêvoltosa a cõnhecida poesia — «Eu quero sê fusilero naval.

A' porta di o *Teatro Trianon*, o Dr. Rafael Pinheiro, conhecido pelo titulo de Galego Honorário, por está sempre a defendê os portugas, fez um discurso importante, terminando por exclamar: Portugueses, s'acabou-se o nativismo; vamo tomá café. Eu sou irmão di vocês!

Os portugueses deliraram, mais os brasileiro diz qui o Dr. Rafael Pinheiro está maluco.

Um grande invento guerreiro posto à disposição do governo — Socrates Platão de Itapininga

O conhecido geometra e engenheiro di minas, Socrates Platão de Itapininga, catedratico de caligrafia no Instituto di Calistas Bacharelados, acaba di pôr à disposição di o Governo, qui por tal sinal não é das melhores disposições, diga-se não obistante di passage, o estupendo e por ventura fatidico invento di uma comptricada arma di guerra qui si destina a obitê o mêlhô rendimento di baixas di o inimigo, com o ménó dispendio di as vida di quem dá os tiro. Trata-se de um apareio muito simples.

E' uma espingardinha como as outra mais com a diferença di ter o cano dobrado em angulo recto.

Graças a este fenomená invento, um pobre moleque, um simples e inofensivo gurisinho di 8 anos pouco mais ou menos, pode, escondido em uma esquina, matá um regimento intêro.

Por tal motivo, o Club di Bandeirantes oferece esta noite taça di champagne di Minas Geraes ao illustre inventô, Sinhô de Itapininga.

O moral das força revolucionaria... O Dr. Pedro di Toledo...

Nesta conformidades, as tropas revolucionaria espera impassivi e irresoluta o prometido avanço das força governamentaes. De Pihauy acaba mêmo agora di chegar o grande esrevolucionario civi Juca Mulato qui vem munido di um casal di onças brava para atirá às força de Seu Getulio Vargas, dado qui o avanço seja mêmo avanço.

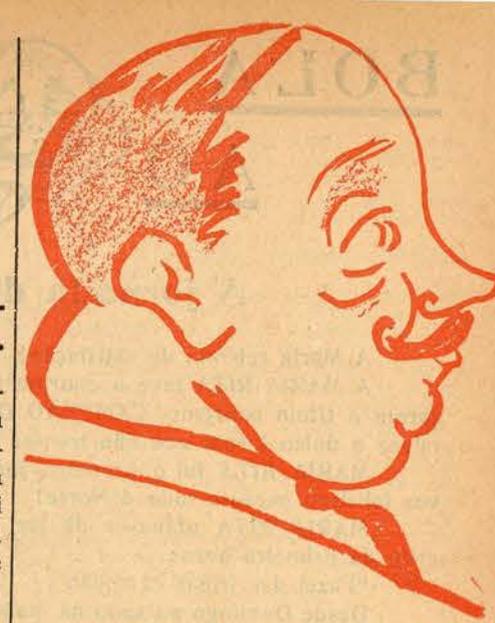
O Dr. Pedro di Toledo tomou já conta das governação publica di S. Paulo, e fez um energico discurso em qui declarou qui só saia di lá si o puzesse di lá p'ra fora. Ainda ha homes di sangue vermelho nestas terra di S. Paulo.

Os sordado percorre as ruas da cidade cantando o conhecido samba:

«O Gavião maurvado...»
Bateu aza, foi-se imora...
E me deixou.»



O grande Procópio, recitando o Fusileiro Naval.



Dr. Rafael Pinheiro

Consta qui o Governo di Toledo vae publicá um decreto conferindo honras di canção guerrera ao rêferido sambinha.

Avanço das tropas governamentais. Faz que anda mas não anda.

Ha já um horrô di dias qui as tropa govermentaes está procedendo com a maior energia ao avanço, mais como era di prevê, os sordadinho faz qui anda mas não anda mêmo.

Qui poderá acontecê di tudo isto? Tairvez uma guerra civi medonha? Tairvez, por sem duvida, acaso quiçá.

O que, sem duvida, se torna curioso é qui di tanto tiro qui se tem dado nenhum chegou ainda ao seu destino, não havendo porisso desastres pessoas a lamentar.

Aqui em o Braziu é assim: nos damo todos como verdadêro irmãos e não derramêmo o sangue nacioná nem mêmo a tiro di canhão.

Si fosse nas Europa já tinha morrido umas porção di gente, sem necessidade nenhuma.

Matar?
Para quê?
Deixe di brincadera com esse negoço di matá.

Qui bestera.

Concorram ao

PIM-PAM-PUM

que é honesto e proveitoso



A jornada de domingo

A Maria rebenta de satisfação!

A MARIA RITA teve o enorme prazer de ver os seus rapazes alcançarem o título supremo, CAMPEÃO DE PORTUGAL! A MARIA RITA, foi talvez o único jornal que não tremeu nunca no receio de vos ver batidos!

MARIA RITA foi o primeiro jornal que pela voz dum seu director vos felicitou perante todo o Norte!

MARIA RITA ufana-se de ter visto transformado em realidade o grito da primeira hora:

“Fazei das tripas campeão”.

Desde Domingo pa-sado há mais um prato favorito em todos os restaurantes: “Tripas embandeiradas à Foot-Ball Clube do Pôrto”.

E a MARIA RITA, que já vinha comendo êsse piteu, servido no prato da sua absoluta confiança nos seus onze representantes, rebenta hoje de satisfação e desabafa num valentíssimo

HURRAH PELOS RAPAZES DO PORTO! HURRAH!

O jogo

Começou como sempre: por um apito do Sr. Melcon, mas desta vez o apito era outro porque se ouvia ao longe.

E daí em diante nunca mais a bola parou de girar, o público de gritar, o apito de apitar, os guarda-rêdes de mergulhar, o Almeida de magoar e o Avelino, o Pinga e o Alvarito de desarmar.

Total: 90 minutos de jogo, outras tantas amassadelas, e o *Pôrto campeão deste ano*.

A propósito disto que fêz engulhos a muita gente vamos transcrever um bocadinho lapidado do jornal lisboeta “Ecos de Belém” no seu número publicado na véspera do encontro. Leiam que vale a pena:

“Porém, dentro de dois dias deve estar o assunto resolvido, isto, se não sobrevier qualquer novo empate.

E como isso não seria muito natural eis porque já temos separada a gravura do onze de honra do “Belenenses” para dar à estampa no nosso próximo número assim como mandamos já compor o título que a irá encimar e que ficou nestes termos: *C. F. Belenenses, Campeão de Portugal*”.

Leram? Pois a isto chamamos nós, cá no Norte contar com o ovo..., da galinha.

Bem sabemos que o Belenenses nada tem que ver com os dizeres malucos do “Ecos de Belem” que nos parece, aparelham com o “Ecos da Cacia. Mas o nosso amigo que nos enviou o recorte, um portuense aborrecido com a injusta campanha que lá para aqueles levanta-

ram contra o verdadeiro campeão, desabafou por fim quando viu a célebre fotografia ir para o cesto dos papéis inúteis.

E ao mesmo amigo pedimos o favor de procurar por Belém onde diabo estará o *rompante*, do *célebre quarto de hora*.

Notas variadas

Na retransmissão que o jornal *O Século* fêz do desafio, ouvia-se assim, de vez em quando:

— “O árbitro marcou um castigo por falta de Pinga.”

Se fôsse no primeiro desafio ainda se compreende porque as bebidas se esgotaram tôdas.

Na noite de Domingo, a gente chegava a ter a impressão de que a monarquia no Norte era um facto, tantas eram as bandeiras azuis e brancas que flutuavam por essas ruas do Pôrto.

Há quem diga que o Belenenses não gosta nada de tripas... Mas desta vez não teem razão porque não foram tripas: foi *dobrada*... a razão.

A altura do

Bastos Monteiro

nada tem que ver com a altura em que êle tem conseguido colocar o SEGURO DE VIDA EM PORTUGAL.

Procurá-lo para tôdas as informações na

Companhia de Seguros Comércio e Indústria
no Largo dos Lois - PORTO

Gostos não se discutem

Durante um temporal que, desabrido, assolou todo o mar, andava um transatlântico perdido, sem governo, a boiar, à mercê d'uma onda mais valente que o viesse tragar. Ao fim d'uma semana, a sua gente, de cara esfomeada, (a bordo não havia que rilhar, a dispensa esgotada,) não tinha com que encher a pausa ôca.

Então o capitão, para entreter a fome a tanta bôca, n'um rasgo heróico, andaz, mandou chamar tôda a tripulação, e n'êste tom, assim, pôs-se a falar: — Senhores! Meus amigos! A fome negra, já, vejo grassar entre nós todos! P'rigos sem fim, terríveis, temos que afastar! Para a fome dos outros apagar, vejo uma solução apenas, a tomar n'esta amplidão sem fim do Oceano: — comer um ser humano! — Pois bem! Eu, capitão, conheço o que me ordena o meu dever! Sou eu que vou morrer!

E tirando do cinto um pistôlo, sereno, sem tremer, foi-o apoiando à frente agaload, disposto a disparar. Então, d'aquela malta esfomeada, ouviu-se, assim, berrar Uma inglezinha, no seu dialecto: — Oh! Please, capitão! O tiro não o deixo disparar na cabeça, oh! no! não! By god! Faz favor de estar quieto! Quer assim, d'êsse modo, ir estragar os miolos, meu prato predilecto?

Dr. KNOX.

O PINTO Camiseiro

E' o ditador das modas de camisaria no PORTO

R. dos Clérigos (Lado esquerdo quem sobe)

Posta restante

Caura — Em tempo devido recebemos a sua glosa; não a publicamos porque de entre os muitos assinantes de MARIA RITA, alguns há que são susceptíveis demasiadamente. Desculpe e mande outra que as portas da casa são absolutamente francas.

Maria Emilia — Que pena! Tanto gôsto teríamos em ver uma senhora às voltas com a MARIA RITA! E afinal ainda não foi desta. Os versos coxeiam tanto que até se vê por fora. Mande outros e compre um metro em antes.

Serpin — Quem diria que o seu nariz ia tão longe! Anda por sitios escuros, meu amigo. A MARIA RITA, graças a Deus, lava-se muito, é limpinha!



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Fiquei muito sensibilizado, como português e como patriota, com a visita que nos fez há pouco um diplomata polaco. Não viste nos jornais? Entre as distinções excelentes que lhe merecemos avulta a entrega das insígnias da Polónia Restituta a várias personalidades eminentes. Não sei como são as insígnias; mas, mesmo para a minha ignorância em matéria de veneras, trata-se de uma condecoração muito falada.

Eu gosto da Polónia.
É um povo trabalhador e meritório, que, como a Grécia, provocou em certo momento histórico uma onda de romantismo internacional. Retainhada pela Alemanha, pela Rússia e pela Austria, — colossos que o estômago pusera de acórdio para uma digestão colectiva — a Polónia manteve aquela fé patriótica indestrutível que, tarde ou cedo, vem ao de cima.

É, sob esse aspecto, profundamente simpática.

A «restituição» (a que ela alude em latim bárbaro...) surgiu da guerra, — por música. Talvez por isso, escolheu o Paderewski para mentor dos seus destinos. *Piano, piano, si va lontano*, como dizia Cicero... O glorioso pianista, inigualável intérprete das polcas de Chopin, sentiu porém, na política, mais dó do que sol... Não tardaram o baque — e a fuga. A coisa pública vaciou.

Nestes anos volvidos, o marechal Pilsudsky foi quem mais deu que falar; nobremente, fez com dono o parlamento, que lá se chama, creio, — Dieta. (Se não é esse o nome, antes fôsse; um parlamento devia ser sempre uma Dieta, rigorosa).

O grande problema polaco é o respiradouro para o mar... Como sabes, o tratado de Versalhes, — que não foi bem tratado e está aqui está morto — propinou à Polónia o corredor de Dantzig; é um canudo de terra que corta a Prússia em duas, e gera uma acidez... prússica, muito activa, que tarde ou cedo dá molhe.

Aqui tens, MARIA RITA, os traços mais salientes que a minha pena sabe desenhar, quando a alimenta a água de Polónia.

Eu tenho porém, para com a apreciável nação, uma dívida pessoal em aberto. Cabe-me reconhecê-la, já que não posso pagá-la. Se não fôsse a Polónia, que pregou uma coça nos cosacos, talvez o Protopopoff, o Tchitcherine, (ou qualquer daquelas gralhas tipográficas, que são, na Rússia comunista, nomes de gente grada),

talvez esses miseráveis tivessem vindo por aí fora. E eu teria, com verdadeiro desgosto de família, de passar a assinar-me Tomaz Ribeiro Kulak.

Que para sempre reine a paz em Varsóvia. Honra e prosperidades aos descendentes da Polónia Restituta.

Pôsto isto, que era dever de cortesia e gratidão para com a Polónia, quero confessar-te que descreio muito das condecorações.

Talvez seja por não ter nenhuma; talvez seja por isso. Mas, se o Freud não mente, e se as remotas lembranças gravam no nosso sub-consciente indelévels noções, talvez seja por causa de uma conversa que uma vez ouvi e que vou contar-te.

É muito difícil de contar. Tu não a compreendes com certeza. Mas mesmo assim, eu conto, o melhor que souber.

Eu era pequeno, ou quasi. Estava em casa de uma lisboeta célebre, cheia de graça, cheia de espírito, que tódá a gente temia e teme — por isso mesmo.

Falava-se de um jovem comerciante, — de óptima família — que, tendo casado a sua mocidade sem ouro, mas de cobizada beleza, com uma abastada viuva em plena maturação, e de notória fealdade, acabava de ver a sua união enriquecida com o quinto fruto.

Lisboeta falava, comentava, sorria. Ninguém esperava. Ninguém compreendia. Aquilo parecia impossível...

No círculo em que se estava, um qualquer — invejoso, decerto — declarou que ao tal jovem comerciante devia ser concedida uma condecoração, pelo seu grande espírito de abnegado sacrifício.

Houve risos, sorrisos, — e alvitres. Um, propunha a jarreteira. Outros lembravam comendas do Sião, cruzes de tódá a parte, de todo o mundo.

Numa clareira de silêncio, a dona da casa declarou, olhando para longe, com a voz grave e o semblante comovido dos inspirados:

— Se fôsse eu, concedia-lhe o «Tosão de Ouro».

Como vês, MARIA RITA, não tem graça nenhuma. Não se percebe. Não se explica. Mas a verdade é que, desde essa tarde alfacinha, passei a encarar as condecorações sob um prisma de irreverência incurável.

Está em cena em Lisboa, com grande êxito, uma nova peça de Vasco de Mendonça Alves: — *Sonho da Madrugada*.

Vasco de Mendonça Alves, com Alfredo Cortez e Carlos Seivagem, forma no teatro português um núcleo à parte, brilhante e alto.

É sempre com alegria que aplaudo Vasco de Mendonça, porque é com sinceridade que o admiro, e que lhe quero bem.

O meu *sonho da madrugada*, e de todo o dia, é, também, teatral.

Por sinal que ainda te não contei uma coisa que me aconteceu — e que dá bem a ideia do atraso inverosímil das massas populares, neste incomparável Jardim da Europa.

Quando quis representar eu próprio as *Duas chamas*, contei com a estranheza de muitos meios, com a surpresa de outros muitos, com a censura de mais alguns. Só não previ uma pergunta do meu feitor.

Eu tenho, como sabes, na romântica aldeia dq «D. Jaime», na mais linda terra de Portugal, — em Parada de Gonta! — meia dúzia de videiras bracejantes. A elas devo, além de muitas ilusões, o *Catecismo do vinho*, que sei de cor; e em que figuram estes *Sete Pecados*: 1.º podá; 2.º cava; 3.º sulfato; 4.º mildio; 5.º enxôfre, 6.º oídio; 7.º falta de comprador.

Mas adiante...
A aldeia, que não lê os jornais, no que é sensata, mas que dá ao que ouve uma docilidade de crédito e uma exuberância de imaginação incomparáveis — chegaram os ecos das *Duas chamas*.

No primeiro encontro, o meu feitor, inofrido, perguntou-me notícias. Havia no seu interrogatório uma acidez especial. «Se eu ficara bem», «se tinha ganho», «se tinha gostado», «se tornava», «se era difícil», «se a minha mãe não tinha tido pena», — etc.

No fim de êle saber tudo, ou de eu o imaginar, perguntou me:

— É o meu compadre representou?

— Pois está claro que representei, homem!

Ele olhou-me, e, de olhos piscos, baixando a voz, como quem desafoega uma ansiedade longamente contida, pouco coração e alma numa pergunta, perguntou-me:

— Nu?...

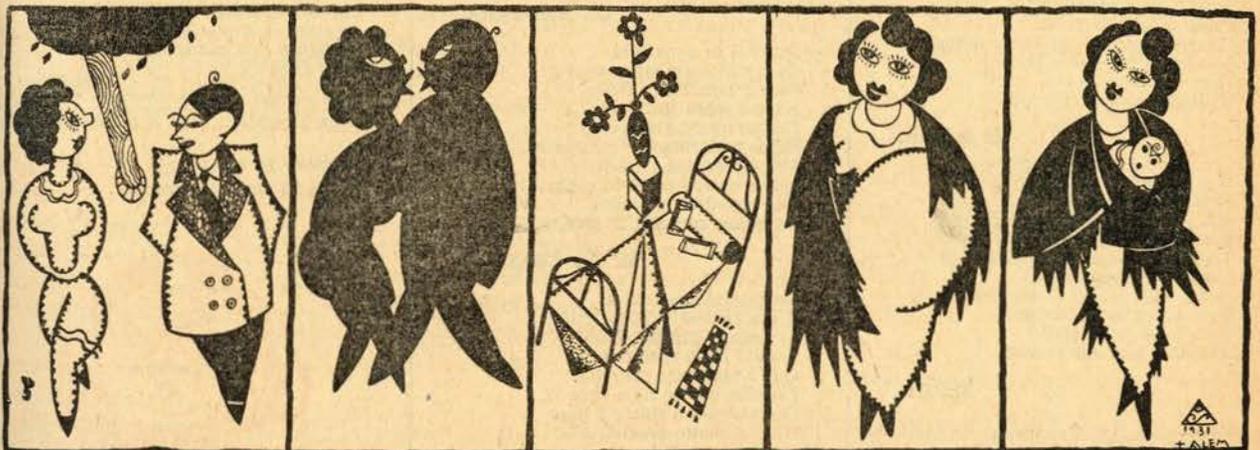
Esta vai longa demais para eu te falar sequer na crise de teatro.

Muitas lembranças do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

«Descanso Semanal»

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a deixar para o próximo número a página com o título desta notícia.



Pró... logo

Exórdio

Introdução

Capítulo IX

«Finis Laus Deo»

Tradução: Enfim, lá o deus à luz...



Para o mote

*Sabe a Rosa costureira,
As linhas com que se cose.*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Esta linda feiticeira,
Na arte sua é segura!...
Tudo que faz de costura,
Sabe a Rosa costureira! ..
A respeito de canseira,
Faz o que não fazem doze!...
Vejo-a na metamorfose,
A habilidade que tem,
Pois que sabe muito bem,
As linhas com que se cose!!

Alfredo Cunha (RAZA).

Que não é nenhuma asneira,
(Tôda a gente lho tem dito)
E' eu aqui o repito,
Sabe a Rosa cortureira.
Que nos olha sobranceira,
Com gallardia, com pose,
Mas dizem que há quem a goze?!
— O rapaz talvez se gabe,
No entanto ela é quem sabe
As linhas com que se cose...

M. TULIPA.

Fazer limpeza à carteira
Dos infelizes parceiros
E dar tiros mui certos
Sabe a Rosa costureira.
Por causa d'essa brejeira
Chegou de tuberculose
Aos meus bolsos grande dose.
Por fim, foi a Rosa embora
A rir, dizendo: — Olhe agora
As linhas com que se cose!...

(Aveiro).

OLEGNA.

A questão é que ela queira
Os segredos espalhar,
O que faz gente cismar,
Sabe a Rosa costureira.
Passa cheinha de pose,
De quem quem dinheiro em dose,
Não pensa em nada e ri...
Cada um, sabe p'ra si,
As linhas com que se cose.

Zé MARIA.

P'ra remendar tens geiteira,
Já me disse a tua avó;
Mas p'ra dar «ponto sem nó»
Sabe a Rosa costureira;
Trabalhou de tal maneira
Que tem a tuberculose...
Anos, tinha apenas doze
Quando aprendeu a coser,
Ficando, pois, a saber
As linhas com que se cose.

SEPOL.

Faz-se para aí muita asneira
O culpado não sou eu
Enfim o que aconteceu
Sabe a Rosa costeira
Pois que ela é bem matreira

E mesmo assim há quem goze
E se nos prega alguma dose
E de fizar descontente
Pois não sabe muita gente
As linhas cam que se cose.

AMARANTINO.

Dessa grande brincadeira
Que houve a semana passada,
Em que ela saiu inchada,
Sabe a Rosa Costureira,
E foi de certa maneira
Que tomou a sua dose,
Que por mais que ela goze,
Nunca tem de lhe esquecer,
Lembrando-lhe até morrer,
As linhas com que se cose...

Delfim de FREITAS.

Coser de qualquer maneira
Com a máquina ou à mão
Com mui jeito e perfeição
Sabe a Rosa costureira.
Porque tem certa geiteira,
Ela sabe bem a dose
Dessa encantadora «pose»
Que a torna sedutora.
Sabe bem esta senhora
As linhas com que se cose ..

ELMANO XX.

O Leite, foi para a Ribeira
Barbosa para o Areinho,
Dizendo, que p'ró geitinho
Sabe a Rosa costureira.
Calculo que pagodeira,
De gôzo foi uma dose,
Mas por fim veio a nevrose.
Desculpando-se com arte!...
Vá-se embora senão parte
As linhas com que se cose.

Rei sem TRONO.

De cosinha e lavadeira,
Namorar nos arraias,
Dizer mal e tudo mais
Sabe a Rosa Costureira.
Mas desta vez a matreira
Por mais que julgue que gose,
Enganou-se c'o Larase,
(Isto disse o nosso abade.)
Mas... enfim só ela sabe
As linhas com que se cose.

Dr. Avis-RARA.

Sabes lá tu a maneira
De dormir com *môça* boa?!
Sabe a *Laura da Leitua*
Sabe a Rosa costureira...
Dormiram c'o Madoreira,
Rapaz bem chique e com pose...
Mas o pior, foi a dose
Que o deixou quási na estica...
Vai encontrar na botica
As linhas com que se cose.

M. das CRASTAS.

Da sua vidinha inteira
E dos amores co'o seu guita
— Senhora MARIA RITA!
Sabe a Rosa costureira,
Que é raposinha matreira,
Faz com que se ria e goze
Do remendo o sitio e a pose
Do seu bonito avental...
De si sabe cada qual
As linhas com que se cose.

MOLEQUITO.

Diz-me a Angela da Vendeira,
Assim, muito embasbacada:
Que de ti estou namorada,
Sabe a Rosa costureira.
Tiveste certa geiteira,
Fotografaste-me em pose,
Mas tem cautela com a dose,
Porque de tudo, eu sou capaz.
E, quando nem mesmo Satanaz
Sabe as linhas com que se cose...

Rutra SEUQRAM.

Com oltos de feiticeira,
A provocar corações,
E fazer vibrar paixões,
Sabe a Rosa costureira,
Conhece bem a maneira,
Como se aplica a dose,
Para assim com certa pose
Manobrar qualquer sujeito,
E conhecer bem a peito
As linhas com que se cose.

Zé do NORTE.

Eu não quero brincadeira,
Com «chiço» tão malcriado
Pois o que é linguado
Sabe a Rosa costureira,
Isto não é chuchadeira
Apreciem-lhe a «mucose»
Dá seus carinhos por dose
Essa Rosa sem espinhos
Que até chama aos gadelhinhos
As linhas com que se cose.

LIZÉ.

De sopas sabe a sopeira,
O lavrador do arado,
Dar o seu ponto bem dado
Sabe a Rosa costureira;
De roscas pesca a padeira;
O fotógrafo da pose,
E eu também sei *quelque chose*
Que nestes versos não cabe,
Porque, enfim, cada um sabe
As linhas com que se cose.

R. J. (TONISCA).

Mas que grande brincadeira
Na noite do meu casório!
E como sou bem fiúório
Sabe a Rosa costureira,
Aquela que foi sopeira
Em casa da Madame Rose,
Fiz-lhe até uma esquimose
Num sitio que não confesso.
Pois descobre o meu processo
As linhas com que se cose.

KIKA.

Que busquei lisa maneira
De a atrair para mim
Com honesto e puro fim,
Sabe a Rosa costureira.
— Como responde a brejeira?
— Que talvez não me despose,
pois (aqui está a apoteose!)
São do primo da marinha
As coses com que se linha,
As linhas com que se cose.

AMARAL.

Mote a concurso para o próximo número:

*Mariano diz que tem,
O que há muito já perdeu...*



Quem é?

Nasce o dia, e a gente vê
Esta distinta escritora,
Esta dama graciosa,
Nobilíssima senhora.

No «jardim», de braço dado
Co'a Marilice gentil,
Sorri p'ra a graça das flores
Nas manhãs frescas de abril.

Nunca fêz mal a uma «aranha»,
Eu tenho disso a certeza.
E afirmam-no a Marilaura,
Marimília e Maritreza.

(Aveiro).

OLEGNA.

Anexim

— Papá, dê-me dez
escudos agora!
— Não tenho. Bem vês...
Dou-te cem, lá fora...

— Papá, não me coma.
Em tal não irei,
pois «.....»
.....» (?)

ZARAGUETA.

Decifrações do último número: — *Quem é?*
— Raúl Casimiro. — *Anexim*: «A grão e grão
enche a galinha o papo...»

Mataram-no: — Brancuras, Serpe, Maka-
venko, Chupa tinta, Escaramilo, Batráquio, Aga-
pito Solene, Dom Solidão.

Respigos e Comentários

A Moda

Já repararam na moda
dos vestidos de senhora?...
— Saia curta à frente, e agora
por detrás comprida tôda?!

Que feia e deselegante,
essa saia! Assim usada,
tôda a dama anda pejada...
no seu estado int'ressante!

João do MINHO.

MEIO CONTO POR SEMANA OV 500#00 DE PROSA

Caridade evangélica

O Valério era católico-apostólico-romano. Católico por educação recebida dos Pais. Apostólico pela mania que tinha de *apostar* fôsse com quem fôsse. E romano por se alimentar quasi exclusivamente com *romãs*, fruto que êle adorava sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Comia bem e bebia melhor, predi-cados que o deviam ter levado a abraçar a carreira eclesiástica, se êle não preferisse abraçar a prima Claudina, com quem casou, e da qual teve dois filhos e três dentes partidos, por uma noite ter entrado em casa às três horas da madrugada.

A mãe lamentou imenso que êle não tivesse ido para padre, dizendo às pes-soas amigas:

— Se tivesse estudado Teologia, era hoje bispo de Meliapôr sem tirar nem pôr!

*
* *

O Valério, a-pesar-de alardear as suas convicções religiosas e rezar por contas sem pêso nem medida, era completamente surdo às desgraças alheias.

Nunca a sua bôlsa se abria para ir levar um bocado de pão a um lar faminto, e nunca o seu coração vibrava de sentimento para minorar a miséria dos que são eternamente calcados pelas bestas de sorte.

Tinha um tão grande desprezo pelos humildes, que, se não fôsse sócio da Associação Católica, havia de supor-se que pertencia a algum Centro Democrático...

A sua fortuna desdobrava-se de ano para ano. Ganhava, ganhava sempre, e nunca perdeu nada, a não ser o braço direito num desastre de camionete... e a vergonha, quando nasceu.

*
* *

A sovínice revoltante do Valério, em briga com a verdadeira doutrina

cristã, tinha indisposto contra êle a maioria dos seus amigos e vizinhos.

— Era um forreta, um verdadeiro vampiro alimentado com o sangue dos desgraçados, a quem pagava com o seu olímpico desprezo!

O escândalo ia-se propagando, a onda de vingança alastrava, e os costados do Valério já não andavam muito distantes do arrôcho vingador.

Foi nessa altura que o abade da freguesia resolveu procurá-lo, aconselhando-o com palavras humildes e cristãs.

— Sr. Valério, desculpe-me, mas deixe-me dizer-lhe que o amigo não é bom católico. Nosso Senhor desprezava a riqueza e protegia os pobres.

— Isso tudo está muito bem, — replicou o Valério. — Mas para eu cumprir com o que disse Jesus Cristo, não posso dar esmolas a ninguém!

— Não pode? — exclamou o padre, muito admirado.

— Não posso, não senhor. A igreja manda dar a esmola com a mão direita, de maneira que a esquerda o não saiba, não é verdade?

— Sim, senhor. E' exacto.

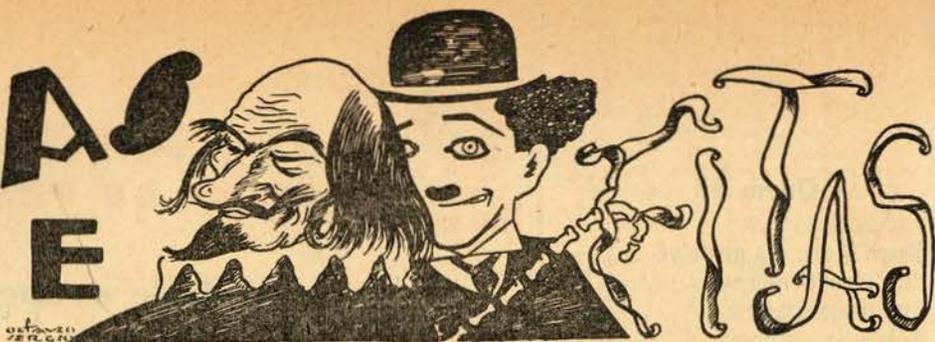
— E como hei de eu dar a esmola com a mão direita, sendo maneta dêsse lado? Não posso. Tenho de a dar com a outra mão. E, sendo assim, é claro que a esquerda tem de o saber por força! Ora já vê o amigo reverendo que eu sei cumprir com a doutrina cristã e não quero ir parar ao inferno!

LEIDOAR.



VENDE-SE — Um magnífico terreno de lavradio. Serve para plantar nabos e dá vinhos generosos se quem o comprar *semear* as vinhas necessárias.

PEÇAS E



Um lar à moderna ou Um duelo à antiga

Personagens: LÚCIO ZUZARTE, pescador; MARIA, sua mulher; ROBERTO TAMARCA, faroleiro.

PRIMEIRO EPISÓDIO

(No alto mar, onde Zuzarte, sozinho no seu barco, anda à pesca).

ZUZARTE, recolhendo as rédes:

Ando cheio de galinha!
Que tarde tão desastrada!
Nem pescada, nem tainha!
Polvos só e peixe-espada!
Não vale a pena teimar.
Tomemos de novo a escota.
Começa o vento a soprar,
Vamos chegando à casota!

(Navega para terra)

Já vejo o meu lar bem perto.
Como é lindo, ao pôr do dia!

(Encalha o barco na praia e põe-se a apanhar mexilhões, que vai atrando para a canastra onde guardou os peixes. De repente, olha para a povoação, e endireita-se.)

Mas que é aquilo? O Roberto
A conversar co'a Maria!

(Fica a observar.)

Entraram... Fecham a porta...
Não quis deixá-lo cá fora...

(Com uma sombra no semblante.)

Querem ver que a coisa, agora,
Principia a correr torta?

SEGUNDO EPISÓDIO

(Em casa de Lúcio Zuzarte. Roberto tem Maria sentada no colo).

ROBERTO

Se o Lúcio agora viesse...

MARIA

Só virá noite cerrada.

ROBERTO

Meu amor!

MARIA

Meu querubim!

ROBERTO, beijando-a:

Minha Maria adorada!

(Ouve-se ranger a chave da porta.)

MARIA

E' êle, meu Deus! Esconde
O teu vulto em qualquer parte!
Esconde-te!

ROBERTO, atrapalhado:

Mas aonde?

MARIA, desanimada:

E' tarde! Aí vem o Zuzarte!

ROBERTO, entrando, de punhos cerrados:

Infames!

(A Roberto)

E eu que supunha
Que tinha em ti um amigo!
(Poisa a canastra do peixe)

Quero bater-me contigo!

ROBERTO

Faço-te uma pega à unha!...

ZUZARTE

Hei de furar-te o umbigo!

(Pega num polvo e num peixe-espada, e atrai-os aos pés do faroleiro.)

Aí tens, meu patife, tudo
Que é preciso em luta armada.
Sirva-te o polvo de escudo;
De florete, o peixe-espada!

(Arma-se da mesma forma, e começa o duelo).

ROBERTO, jogando-lhe um bote:

Toma lá!

ZUZARTE, idem:

An! Toma tu!

Canalha!

ROBERTO

Vil malandrão!

ZUZARTE

Peralvilho!

ROBERTO

Gabiru!

(Zuzarte, batido no estômago, cai de bruços).

MARIA, admirada:

Fêz dois buracos no chão!

ZUZARTE, erguendo-se:

Em guarda! Em guarda outra vez!
(Executa, com o seu peixe-espada, um sarilhito terrível).

ROBERTO

Eu evito os teus sarilhos!
(Mas cambaleia).

MARIA

Lúcio! Lúcio! Por quem és!
Matas o pai de teus filhos!

ZUZARTE, parando:

Se é assim... ah!... tens razão!
Matá-lo seria um crime.

(Estende a mão ao faroleiro)

Meu compadre! A tua mão!

ROBERTO, apertando-lha, com uma lágrima
ao canto do olho:

Esse teu gesto é sublime!

ZUZARTE, à mulher, — entregando-lhe
o peixe-espada:

Toma êste peixe real.
Tens grelinhos no quintal?
Coze-os com êle, e depois
Cozes estes mexilhões...

(Maria hesita.)

Vamos, filha! Sinto fome!

(Vendo que ela se não resolve.)

O que é que tens, afinal?

MARIA, muito ruborizada:

E' que o Roberto só come
Mexilhão ao natural...

TURIDDU.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A opereta, A Flor do Bairro.

Rivoli: A revista, Agua fresca!

S. João: A hilaritante comédia, Marido Desconhecido.

Águia d'Ouro: A comédia dramática, O Anjo da Noite.

Trindade: O filme, A Valsa dos Corações. Olimpia: O filme de luxo, O Tenente Sedutor.

Passos Manuel: O filme, A Gata Assanhada.

Batalha: O grande sucesso, Pamplinas de Pejame.

LISTA DOS CONCORRENTES

(CONTINUAÇÃO)

.....

nio Cândido Flor, Ligia Bastos de Oliveira Marques, M.^{me} de Bovary, Maria Zinha, Rita Zinha, Flor e Magarida, Manuel Moreira Martins dos Santos, José Moreira dos Santos, Manuel Simões de Figueiredo.

Com 7 pontos:

Carlos J. de Almeida, José Rodrigues da Silva, Rogério Pereira Braga, F. R. A. M., Napolpa, Manuel Tino, Arcênio A. Nunes Pereira, António Carvalho, António Ferreira Gonçalves, Armindo Alpoim e Meneses, António Alves 1.º, António Alves 2.º, Alvaro Moreira Dorval Arnaldo Pereira de Brito (Labitinhas), F. Leal Júnior, Humberto Branco, Henrique C. S. Martins, Henrique Augusto Cruz, J. Ribeiro, José de Oliveira, José Martins, José Braga, Glutelo Lourenço Correia, Manuel de Carvalho Sousa, Um ponto da Botica, Jeca do Olho Preto, Barba Azul & C.^a L.da, António C. Portugal Moreira Tavares, Alfredo Teixeira, A. Baganha, Greta Garbo, Amélia da Silva, Fernando Afonso Rodrigues da Silva, Luciano da Rocha, Laurinda Gomes da Silva, Maria de Jesus, M. Viana, Manuel Alves, Mário Dolgner, Saxies 3.º, Virgílio Mota Veiga, Joaquim Moreira Martins dos Santos.

Com 6 pontos:

Emílio da Trindade Soares Colaço, Armando Guedes Corvelo, J. Leste (Joaquim Teles Júnior), José Tavares Brandão, Hugo Madureira da Fonseca, Fan-fan, Manuel Lopes Pereira (Sepol), Anferre-Esporão, António Carlos Miranda, Carlos Alberto da Silva Campeão, Emílio Gonçalves, J. Leite, José Manuel Moreira, José Mendes, José Ferreira Ramos, José Pires, Manuel Mesquita, Manuel de Brito, Rafael da Silva Ribeiro Vitor José, W. X., Afonso da Costa Carolo (Pim-Pam-Pum), Carolina Vasconcelos, Cafaiette II, Egídio Costa, Delfim de Freitas, Ernesto Lacerda (Adrecal), Fernando de Freitas Carneiro, F. Aidrac, Francisco Fernandes, José dos Santos, 21, Judex, Mário Rito 2.º, Mário Rito 3.º, Manuel Cardoso de Vasconcelos, Manuel Garcia de Oliveira, José de Barros, Manuel Alfredo Portugal e Brito, Manuel Cralos Maia, José Cura de Sousa Correia, Manuel A. Teixeira (Elmano XX), Maria Rosa Plácido dos Santos, José Marques 1.º, José Marques 2.º, José Marques 3.º, José Albertino Nogueira, Orlando Lopes Fial, Tailler 1.º.

Com 5 pontos:

Angelo de Meneses, Pedro Ribeiro Colaço, Arnaldo Dias Teixeira, José Sousa Marques, Alfredo Valença Ramos, António Lino Moreira, Baltasar Ribeiro da Silva, Domingos Gonçalves Gilante, Fernando A. Ribeiro, Fernando Avila, José de Almeida Gonçalves, Luís Roseiros, Maria Teresa, Manuel de Carvalho e Sousa, Augusto Pereira Vitarais, Claustro Jaques de Abrc, David Fronteira, José Amadeu Martins de Lima, Maria da Conceição Afonso da Cruz, Maricas, Narciso Inácio Ferreira, Mar Morto, J. Racu, Adelaide Magalhães, J. de Oliveira.

Com 4 pontos:

Joaquim da Silva Godinho, António Ribeiro Júnior, Eduardo da Silva Redondo, Fé, Maria Teresa, José Alves Pimenta, Francisco António Gomes Moreira, José Baltasar Teixeira, Joaquim Ferreira Fontinha, Joaquim Jorge Martins de Lima, José Marques 6.º, José de Sousa Martins, Miss Esfinge, Carlos Antunes Barata, António Mendes Catraira Lemos, Casimiro Tavares.

Com 3 pontos:

João Jesus Duarte (Casa das Novidades), Maria Conceição Mendes, José dos Santos, Alfredo Amarante Monteiro (Amarantão), Manuel Augusto Soares, Manuel Roque Milhano, Seb. Martins.

Com 2 pontos:

José Rodrigues Salazar, Eurico, Abraão Fernandes.

Com 1 ponto:

Júlio César, Manuel de Carvalho e Sousa 1.º, Manuel de Carvalho e Sousa 2.º.

Novos concorrentes que iniciaram na 3.ª Semana

Com 11 pontos:

Olha Pramisto.

Com 10 pontos:

Astra, Ninico & Sandalha, António Alves 4.º, Libertino, Kike Praça de Vasconcelos Gonçalves, Virão cem paus, Romeu Pereira, J. Loureiro Capelão 3.º.

Com 9 pontos:

Gardina Maria Fernandes Couto, Bravo, José de Mascarenhas, Arierref, Manuel Cardoso de Vasconcelos, J. Loureiro Capelão 2.º, D. Afonso Henriques, Sécoalho, Foge que t'agarró, Cuco.

Com 8 pontos:

Maria de Lima Querida Reis, Dr. João Bellesa, António Alves 5.º, J. Loureiro Capelão 1.º, Vencerei? E. Guerra Costa, Artur Guimarães, Mazaruca, João das Crastas, Senhor do Universo, Esperança, O Feliz, Napoleão Bonaparte.

Com 7 pontos:

Kika, Maria João, Mário António Santos, Maria Paula.

Com 6 pontos:

Olímpio Acácio Fernandes.

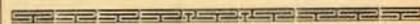
Com 5 pontos:

Joaquim António Guedes de Carvalho, António Domingues, Zabel Zinha, Manuel Simões Arroz, Eurico Baganha.

NOTA FINAL

Aos senhores concorrentes abaixo indicados, que jogaram com 8 bolas, quando deviam ter jogado apenas com 7, que foram as que lhe fornecemos para a 3.ª semana, foram-lhe contados apenas 3 pontos:

Anastácio Rodrigues, Elmano Simas, J. A. R., A. J. A. R. Rei da Sorte, J. A. Rocha, Maria-zinha Rita Zinha, Joaquim Ferreira da Silva, Senhor do Universo, Napoleão Bonaparte, O Feliz, Esperança.



A

Adega Ideal do Lavrador

É a adega ideal do apreciador de bons vinhos

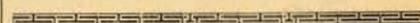
Vendas nas seguintes filiais:

- Rua do Bomjardim, 361 e 363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.
- Rua das Fontainhas, 191 e 195.
- Rua do Teatro S. João (Vulgo Cima do Vila).
- Rua Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam). Telef. 5802.
- Rua da Consolação, 1395.
- Rua de 3 Roques da Lameira, 2785.
- Avenida Fernão de Magalhães, 53 e 55. Telef. 2484.
- Largo Campo Mártires da Pátria, 54 e 55 (Vulgo Cordoaria).
- Lar o Maternidade Júlio Dinis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).
- Travessa da Banheira, 21 e 26 (Esq. da Rua dos Mercadores). Telef. 905.
- Rua Anselmo Brancamp, 633.
- Largo de S. Pedro de Mirazais, 5 e 7.
- Na FOZ - Rua da Senhora da Luz, 238 e 242. Telef. 34 - FOZ
- Em MATOZINHOS - Rua onde S. Salvador, 71 e 73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto). Telef. 2.5 - MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos, a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA de vinho autêntico velho do Pôrto!





Nome

Pontos

Morada

(Cortar por aqui)



Ora aqui tem os nossos concorrentes a barraca desta semana. Como vêem já foram dezóito bonecos a terra. De cada vez são maiores as probabilidades dos atiradores. Reduzido o número de bonecos e com quási o mesmo número de bolas (6) mais fácil se torna a pontaria. Os concorrentes infelizes nas primeiras provas, podem enfileirar ao lado dos que conseguiram 8 pontos, desde que façam nova remessa das barracas correspondentes à primeira, segunda e terceira semanas, em branco.

O concorrente poderá ser o próprio fiscal do concurso, seguindo semanalmente a lista da classificação geral, publicada nas nossas 2.ª e 15.ª páginas. E aquele que se julgar lezado nos pontos arbitrados, terá a bondade de fazer a sua reclamação, que será atendida.

Os concorrentes devem enviar a 4.ª barraca com o nome ou o pseudónimo precisamente igual ao da semana anterior, o contrário dará lugar a enganos que só contra ele reverterão. Ninguém deve desanimar por ter tido fraca pontaria. Aqueles que a sorte protegeu até agora, poderão ser por ela abandonados nesta semana. O **Sempre-em-Pé** protege os fracos contra as grandes arremetidas dos fortes. O concurso do **PIM-PAM-PUM** pode chamar-se o concurso do caranguejo.

Tanto adianta como atrasa. E' uma questão de sorte. **E' honesto e pode ser rendoso. 6.000\$00 Escudos de prémios, distribuidos com certeza.** Teimar e vencer, como dizia o conespícuo Frei Tomás. E os prémios se Deus quiser hão de chegar para todos. **E' honesto, sem subterfúgios e interessante e sem conge-minações.**

E... aí vai a surpresa anunciada:

Pelo decorrer do concurso, chegamos à conclusão de que a falta de sorte dos concorrentes fêz com que o **sempre-em-Pé**, andasse sempre deitado.

Raro é aquele, ou nenhum, que seja capaz de alcançar os 21 pontos necessários para obter o almejado prémio de 500 escudos.

E em face disto que resolve a MARIA RITA?: **Dividir estas importâncias em prémios iguais aos de 10 Escudos, premiando assim a quási totalidade dos seus concorrentes.**

Portanto: quem concorreu ao PIM-PAM-PUM, ganhou à certa.

E' assim que a MARIA RITA estima quem a estima.